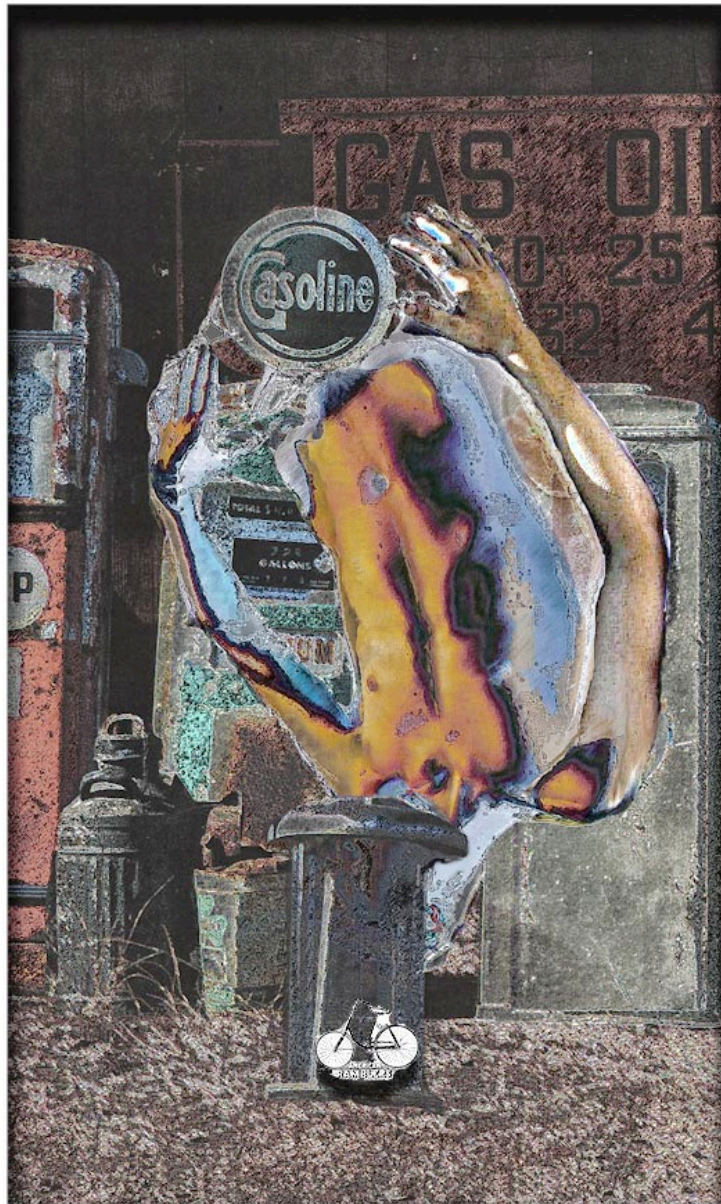


prometeu amarrado a uma bomba (de gasolina)
poema dramático



MANUEL DE ALMEIDA E SOUSA

LUZ DE TAVIRA, 2008

I quadro

Uma voz - Na sequência de um dia de caos nos serviços públicos e comércio, a situação voltou ao normal nas principais cidades da região. A onda de atentados do comando terrorista provocou a fuga e o pânico dos funcionários do ministério e frequentadores da zona comercial. Uma granada de mão, de utilização exclusiva das Forças Armadas, foi atirada contra as janelas do ministério da defesa. a Polícia Militar foi mobilizada e isolou o local com fitas plásticas. A granada seria, segundo informaram as autoridades, do modelo M-9, o mesmo que no início do mês foi detectado pela Polícia Municipal nos jardins da cidade universitária.

a cena é iluminada, um actor (vulcano) estende uma fita plástica envolvendo todo o espaço cénico. no chão um corpo (prometeu) coberto por um lençol branco. o actor sai. entra pandora com uma caixa. senta-se e coloca a caixa sobre os joelhos. tenta abri-la, não consegue. segunda tentativa sem êxito.

o corpo move-se. pandora olha. vê-se a cabeça de prometeu. espreita. olha para todos os lados.

prometeu - já foi?

pandora - quê?

prometeu - vulcano.

pandora - ah!...

prometeu - já foi?

pandora - sim... mas não consigo abrir esta caixa.

prometeu - ótimo.

prometeu ergue-se, os seus braços estão atados com fitas idênticas às que cercam o espaço cénico.

pandora - quem te fez isso?

prometeu - vulcano.

pandora - ah!... *(puxa de um cigarro)* tens lume?

prometeu - claro.

pandora - acende-me o cigarro.

prometeu - não posso.

pandora - não?

prometeu - não.

pandora - pois... (*pausa longa*) estás preso...

prometeu - ainda que queira... não te posso acender o cigarro.

pandora - pois não... estou a ver. mas...

prometeu - mas...

pandora - é que tenho uma tesoura.

prometeu - daria jeito.

pandora - desobedeceria a júpiter.

tu

roubaste os seus projectos para a construção de uma casa de papel

e

permitiste que

as rainhas da luz construíssem o seu império

que

protegessem os peitos com laxantes

que

adornassem o sexo com imagens de relógios para voltarem a ser comercializados na rua.

prometeu - mas aprendi

a oferecer-me frente ao espelho

a olhar pela janela

a sorrir

e

a chorar

porque

os carros param quando alguém cavalga sobre mim

pandora - os deuses... (*longa pausa. exhibe uma tesoura*) vê!... a minha tesoura. vou cortar todas as amarras a resguardo dos olhares indiscretos (*corta as fitas que ligam os braços de prometeu*)

prometeu - recordemos

e

revivamos o fogo mutuo

na obscuridade

o farol acertou a luz

e

o barco atracou num porto seguro

ah!... pandora, pandora... foste prometida a meu irmão mas a mim...

pandora - aquela caixa era uma oferenda de júpiter... o meu presente de núpcias.

prometeu - sabes do seu conteúdo?...

pandora - não...

prometeu - mas sabes que te amo?...

que és especial para mim?...

e

que de todas... te elegi?...

pandora - (*confusa*) uma romã.

a caixa tem uma romã

e

sementes para os homens...

uma bela caixa, esta.

prometeu - héracles.

também ele aí está.

pandora - como sabes?

prometeu - esqueces que eu vejo

e

prevejo?

que penso

antes?

pandora - pois... a philosophia. acende o meu cigarro.

prometeu leva a mão ao bolso, acção desajeitada, das suas mãos caem várias caixas de fósforos e isqueiros... por fim com um dos isqueiros acende o cigarro de pandora.

prometeu - (*meditando*) as ingles ficam geladas

doridas

e

as pedras são sintoma de fígado

em mau estado...

pandora - que dizes?

prometeu - tenho uma águia e... uma fábrica de explosivos.
fabricamos também fósforos e isqueiros...

pandora - uma águia...

prometeu - alimenta-se do meu fígado.

deve chegar dentro de minutos... é pontual.

todos os dias às cinco da tarde.

os horários têm de ser escrupulosamente cumpridos. nem um segundo de atraso...

pandora - uma águia... sei... a comissão de horários do Olimpo é...

prometeu - os nossos líderes jazem

e

arrefecem

já posso entrar no ninho das víboras

II quadro

vulcano entra, retoca o espaço cénico. no chão prometeu coberto pelo lençol branco como no início do I quadro. pandora está sentada com a caixa sobre os joelhos.

vulcano - sinto-me sem coragem para maltratar um deus, meu parente...
é bem contra minha vontade fazê-lo.

pandora - roubamos o fogo

e

convertemo-nos em deuses...

vulcano - pandora... tu nada sabes.

os deuses

saciaram-se com o veneno que habitava o seu corpo (*apontando o corpo de prometeu*)

o sangue dos deuses

tem o gosto das toranjas

pandora - os abusadores violentos são a questão primeira do poder, o mesmo será dizer; há uma tradição sexual de integração através da pirataria. e a pirataria...

vulcano - as aves devoram-nos o fígado.

pandora - sois um filho de puta...

vulcano - eu sei... (*gargalhada*) mas tu não sabes que...

uma fracção do corpo teu, obstrui e danifica os teus pensamentos.

talvez por seres muito lenta no voo.

pandora - se nota que me amas... me voy. (*pandora sai muito lentamente*)

vulcano - à luz do dia

descubro minha

a esperança de ser corsário

de ser pirata

de ser aquele homem feroz que estende a roupa quando a

esposa morre frente ao televisor

pois...

a culpa é uma obra prima inacabada.

prometeu (*debaixo do pano*) - sinto-me tão diferente...

corre

corre

corre

corre

pelo campo de milho

virás porque o desejo

e

porque os deuses e todos os pecados do mundo dormiram na minha cama

escuro. som de guizos e buzinas.

III quadro

*prometeu está sentado. com um canivete descasca uma laranja que comerá durante a
cena.*

prometeu - júpiter é rígido, bem o sei...

a sua vontade é, para ele, a justiça.

no entanto

e

na iminência de imprevistos golpes

a sua cólera indomável se há-de aplacar

e

virá em meu socorro.

oh!...

e, porque não, em busca da minha amizade. *(pausa)*

um dactilógrafo trabalha com o centro do movimento na velha máquina de escrever...

pode-se equivocar

e

trocar...

a tecla.

é.

é isso... *(pausa)*

depois, alguns anos depois...

levo as mãos aos bolsos

... estou nu.

suavemente, retiro as parcelas do teu corpo que ainda guardo religiosamente

e

penduro-as na parede

onde há séculos um guarda-sol enorme, que usava para pescar "coisas" no limiar do cordão umbilical, construiu a sua teia.

os deuses não precisam de razões

os deuses não precisam de

os deuses não precisam

os deuses não

os deuses

tudo o que querem está dentro de mim.

a revolução hoje, consiste no consumir

e

aos gritos vamos fazendo estragos

porque

as meninas bonitas lambem gelados de nata

e

surge um foco de luz que circula com alguma rapidez (qual foco de uma ambulância). de repente, todos se viram para o público e iniciam um concerto caótico com pequenas cornetas de plástico. param e soltam um grito estridente. voltam a tocar com as cornetas de plástico sem qualquer preocupação de conjunto. pausa longa. um dos actores destaca-se para iniciar a leitura de uma pauta colocada nas estantes (poderão repetir várias vezes a acção vocal).

ACTOR 1	ACTOR 2	ACTOR 3	ACTRIZ 1	ACTRIZ 2	ACTOR 4
paaap... pá ááp	-	-	-	-	-
piiii irr rrr iip	-	-	ip iip	ip iip	-
-	riii riuuuu ri	lop liooop	liii iii ó ó	ó ó óóp	riii riuuuu ri
trrremmm ólááá	-	-	i-i-i-i iip	i-i-i-i iip	ytreeem
trrremmm rash	som de corneta	tró-tró-tró-tró-óó	guizos	guizos	tró-tró-tró-tró-óó
trrremmm rash	som de corneta	tró-tró-tró-tró-óó	guizos	iiip iip uuup	tró-tró-tró-tró-óó
yyaannn	buuuuum	buuuuum	-	-	buuuuum
grabuuuum	-	-	biii iijdjiiin	buuu djuuuun	-
yyaannn	buuuuum	buuuuum	-	-	buuuuum
grabuuuum	-	-	biii iijdjiiin	buuu djuuuun	-
yyaannn	buuuuum	buuuuum	-	-	buuuuum

os actores sentam-se no chão. um deles agarra num jornal e chama a atenção dos restantes. mantém-se assim durante algum tempo. uma atriz levanta-se.

atriz 1 - a última vez que um ser horrendo me visitou...

foi curioso.

o indivíduo aparentava ter cerca de cinquenta anos. era gordo e a sua pele suada. vestia uma camisa negra com manchas da transpiração.

os seus cabelos eram compridos e gordurosos...

era feio, mas...

penso que feliz .

entrou no meu domicílio.

eu...

nua.

apenas o meu chapéu alto que deixava escorrer estes negros e longos cabelos que me cobriam o rosto. enrolei uma toalha ao redor da cintura...

ele nem reparou em mim.

o seu olhar fixou-se, como se estivesse hipnotizado, nos limões que escorriam das paredes da habitação.

é sempre assim...

quando o sol atravessa as janelas, os limões amarelecem e caem pegajosos.

a casa de uma bruxa... tem muitos espelhos.

e

o que desejas...

vês.

a atriz dirige-se para fora de cena.

actor 1 - onde vais?

atriz 1 - vês o que desejas

e

depois... afastas-te para longe.

actor 2 - é o que vais fazer?

atriz 1 - nem mais!...

actor 2 - uma casa de caramelo com som de tumba.

onde as sequências de sexo açucarado...

a cena é interrompida pela passagem de um manequim de montra arrastado por cordas. a cena escurece ao som de ritmo de jazz.

V quadro

entram todos os actores em cena. transportam consigo palha que amontoam no espaço. prometeu atrás dum grande vidro enche a boca de água. borriça o vidro - acto repetido. os actores saem. pandora com uma grande saia rodada senta-se sobre a palha.

pandora - passávamos os dias nus nas cercanias da cidade... esperávamos que as aves trouxessem suas vergonhas, seus relógios, seu sémen...

a carne putrefacta liberta um odor rançoso

agradável

prometeu - ah!...
a vida é tão fácil...
o excesso de açúcar provoca-me ataques repentinos de canibalismo.

pandora - toca-me com as mãos para que saboreie o orgulho de todos os amantes

prometeu - bastaria roçar a face com os teus cabelos enquanto te inclinas
para me apetecer dizer aquela frase cujo significado só tu e eu conhecemos

pandora - e seria como se nos encontrássemos hoje pela primeira vez...
que fazes, meu amor?

prometeu - acaricio a paisagem onde os meus olhos repousam.

pandora - e eu... choco o nosso ovo. traço o nosso futuro...

prometeu - oh!... finalmente o nosso filho nascerá!... que nome lhe daremos? jasmim?

pandora - não. pantagruel.

prometeu - não. isequiel.

pandora - não. ismael.

prometeu - não. farnel.

pandora - não. isabel.

prometeu - não. malaquias.

pandora - não. matias.

prometeu - não. elias.

pandora - não. beatriz.

prometeu - não. héracles.

pandora - sim.

prometeu - sim.

vulcano (*entrando*) - não... não... hércules, não... (*chora*) *hércules é filho de júpiter e alcmena... não. não pode ser!... (choro mais forte enquanto sai de cena)*

prometeu - sim. ele matará a minha águia e eu ficarei livre...

pandora - sim. este ovo é já um herói...

hércules (*espreitando por baixo das saias de pandora*) - mãe!... pai!... vou matar leões!... águias!... enfrentarei tudo... e lá terei de cumprir os trabalhos! sete trabalhos, não é?

pandora - doze, meu querido. doze trabalhinhos...
tão lindo, o nosso filho.

prometeu - vai ser arquitecto.

pandora - nem mais!...

uma voz - os acidentes divulgados neste palco não se prestam a satisfazer a curiosidade popular ou a qualquer instinto mórbido da natureza humana. os acidentes divulgados neste palco não se prestam a satisfazer a curiosidade popular ou a qualquer instinto mórbido da natureza humana...

VI quadro

música. hércules dança. vulcano cruza a cena várias vezes, sempre a chorar. pandora, sentada na palha, retoca a maquilhagem. prometeu cola no vidro húmido recortes de jornais.

hércules (*sem parar de dançar*) - termina a sopa
vá.
vá lá...
e
depois coloca-me a máscara capilar
porque
do nosso amor sabes tu...
nada.
porque

a minha vida é o mar
digo-o eu
digo-o eu
digo-o eu
quando acaricio o leão
digo-o eu
quando acaricio a águia
digo-o eu
quando acaricio os teus cabelos

prometeu - está bonito, não?... muito formoso hoje o nosso campeão.

hércules (*continuando a dançar*) - não. não quero sapatos, permanecerei uma boa temporada dançando...

pandora - quem falou de sapatos? hoje e sempre me refiro ao mar, está bonito, o mar. agora, deixa-me terminar a maquilhagem em paz.

prometeu - por muito histérico que te mostres, eu sei dos meus estados anímicos pelo calor que transporto nos cabelos.

hércules (*acelerando o ritmo de dança até ao desfalecer*) - eu, eu e eu... foda-se!
soldadinho de chumbo
soldadinho de chumbo
soldadinho de chumbo
soldadinho de chumbo
soldadinho de chumbo
soldadinho de chumbo
és um cabrão!

ouve-se um tiroteio e uma voz que dirá: - poemas para crianças podem devorar o autor e as crianças.

VII quadro

*as personagens caminham no espaço. escuro. vento. ao fundo vislumbra-se um pequeno foco de luz. neste caminhar, as personagens, vão caindo pelo chão.
ouve-se uma velha máquina de escrever. uma figura destaca-se (hércules), as outras vão saindo lentamente. a luz sobe.*

hércules - derrama tua dor em minhas pálpebras
e
os meus olhos chorarão com as tuas lágrimas de orvalho
as que escorrem por entre teus poros invadindo meu ventre saudoso de ti
ti
ti
ti
ti
tíbios lábios
e
tu
tu
tu
tu
tuas mãos por essas desbravadas emoções
e...
dos meus cabelos
insistes que são teias que te aprisionam
aqui
aqui. oh!
por ti
por tua causa
e
tudo fica assim
ofegante
suplicante
por um beijo teu.
não este

prometeu (*entrando*) - apaixonado?!

hércules - sinto o tanto que mal me preenche entre linhas rectas que se esvaem por entre
fendas
sinto é um nada tão grande
que mesmo sendo tudo
significa tão pouco
sinto-me agudo e ensurdecedor
sinto olhos
e
esse olhar sufoca os meus lábios
sinto o nome em cada suspiro

pandora (*entrando como louca*) - o contrário de romã não é amor... o contrário de romã não é amor... o contrário de romã não é amor... o contrário de romã não é amor... o contrário de romã não é amor... (*cai morta*)

prometeu - eu sabia!... (*chora desesperado*)

hércules - não!... eu matei a águia que estava no galinheiro... sim. fui eu... (*chora*)

vulcano (*entrando*) - ela foi de tal forma... que despertou o vosso interesse. a vossa paixão. tudo graças ao seu talento natural. ela sabe improvisar morrer sim. sempre soube. e deu tantas voltas que acabou por perder de vista o foco inicial que claro seria ele não ela sim... referia-me ao foco inicial. pois...

o vento traz uma folha de jornal. vulcano lê e desata-se a rir.

vulcano - ora ouçam:... sinto aquela vontade de devorar tudo o que temos e somos. as coisas cá de dentro não combinam com as coisas obrigatórias. destes todos pensamentos tristes surgiu uma imagem bela; um potro lindo e forte... um dia esgravatou nos melhores sonhos e partiu nas asas do vento com o coração a bater num galope foi para não mais voltar... e foi. não mais houve pasta de fígado.

diana (*entrando*) - a maioria está inflamada de pretensões... e a salvação?

gritam.

eu...

por vezes pergunto: - que é que desejas salvar? a tua alma? a tua identidade?

então...

sem resposta, só digo: - perde-as e encontrar-te-ás a ti mesmo.

júpiter ? não te preocupes com júpiter...

júpiter é crescido o bastante para que se possa encarregar dos seus próprios assuntos.

hércules? oh!... esse não passa dum criança estouvada. detesta pasta de fígado.

prometeu?... está a recuperar... problemas de...

a actriz é interrompida pela passagem de um segundo manequim de montra. ouvem-se ruídos vários. as luzes da sala acendem-se e, em coro, os actores dirão:

procura uma ilha para naufragar

e

abana-te com um leque andaluz

pode ser aquela ilha onde os sábios se refugiam

sim

nos teus aquários vislumbro lábios envelhecidos

mordidos por anzóis

quando

te abanas com um leque andaluz

sim

os algodões arrastam-se desesperados

à luz de paus de fósforo

e

se não a presentes...

abana-te com um leque andaluz

pois...

eu descansarei nas margens da insegurança

oh!...

sonha minha menina

sonha com o romper da alva

e

abana-te com um leque andaluz

Luz de Tavira, agosto de 2008